Jornalismo e Cotidiano: a cobertura jornalística sobre o caminhar na cidade[1]

Míriam Santini de ABREU[2]

Resumo

O artigo discute a relação entre jornalismo e cotidiano a partir da cobertura jornalística sobre o caminhar/andar nas ruas da cidade. A base teórica de investigação são os estudos sobre espaço e cotidiano pensados, no jornalismo, a partir da problematização do acontecimento formulada por C. Lalive d'Epinay. A análise aborda um conjunto de 15 notícias e reportagens de diferentes veículos do país e uma reportagem de um jornal estadunidense. O pressuposto é que a cobertura jornalística do e no cotidiano enriquece-se a partir do duplo movimento de interpretar o fato individual a partir de sua complexidade social no espaço público urbano das cidades.

Palavras-chave

Jornalismo; Cotidiano; Caminhar na cidade; Acontecimento; Espaço público urbano.

Introdução

O artigo explora a relação entre jornalismo e cotidiano a partir da cobertura jornalística sobre o caminhar/andar na cidade. A base teórica de investigação são os estudos de H. Lefebvre sobre espaço e cotidiano pensados, no jornalismo, a partir da problematização do acontecimento formulada por C. Lalive d'Epinay. O objeto da análise é um conjunto de 15 notícias e reportagens de diferentes veículos do país e uma reportagem de um jornal estadunidense. A partir deste objeto de análise, o pressuposto é que a cobertura jornalística do e no cotidiano enriquece-se a partir do duplo movimento de interpretar o fato individual a partir de sua complexidade social no espaço público urbano das cidades. Na abordagem deste artigo, este pressuposto é colocado à prova na cobertura jornalística sobre um movimento elementar do cotidiano, o de andar, e do que ele representa na possibilidade mesma de apropriação ou não do espaço público por excelência, a rua, gerando movimentos de interpretação no jornalismo.

[1] Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso, XVII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC, email: misabreu@yahoo.com.br

Tratada em diferentes correntes sociológicas, a categoria de vida cotidiana/cotidiano aparece nos estudos de jornalismo por elas alimentada. Ao debater as interações entre as ciências sociais e o jornalismo a partir de leituras do cotidiano em diversos autores, Tavares (2012) e Berger e Tavares (2014) apontam no segundo a característica de ver o mundo interpretando-o, usando recursos que correspondem a lógicas institucionalizadas e legitimadas de apreensão do cotidiano para pensar a realidade, produzindo um tipo de conhecimento sobre ela. A interpretação é aí uma ferramenta de apreensão dos fatos e acontecimentos e, ao mesmo tempo, uma vitrine que expõe o fazer jornalístico e a possibilidade de que seja um registro crítico da sociedade, compreendendo o que acontece no mundo e como acontece (2014, p. 14 a 16). Segundo os autores,

> Menos do que algo dado, apesar de muitas vezes naturalizado, "o" cotidiano, nas interpretações que cercam o jornalismo, diz respeito a uma maneira específica de lidar com a imprevisibilidade e facticidade do conjunto de fragmentos que compõem a "aqui e agora" da sociabilidade. (BERGER; TAVARES, 2014, p. 14)

Os autores citam as reflexões sobre o acontecimento jornalístico como exemplos da possibilidade de desvelar mecanismos do jornalismo, "na relação com 'o' real, para ultrapassar o que é aparente do acontecimento, aquilo que habita sua potência e que está para além de sua superficialidade" (BERGER; TAVARES, 2014, p. 16). Ao traçar os paradigmas sociológicos na análise da vida cotidiana, Pais afirma que o cotidiano pode constituir "um lugar privilegiado da análise sociológica na medida em que é um lugar revelador, por excelência, de determinados processos do funcionamento e da transformação das sociedades e de determinados conflitos que opõem os agentes sociais" (PAIS, 1986, p. 8). A afirmação, entendemos, cabe também ao jornalismo, em sua forma própria de apreensão da realidade.

A vida cotidiana, afirma Lefebvre (1967), é um produto histórico e social[3]. Mesmo os acontecimentos mais triviais (trivialidade apenas ilusória) aparecem sob um duplo aspecto: 1) fatos pequenos, individuais, acidentais; 2) fatos sociais infinitamente

[3] Em entrevista ao jornal Le Monde, Lefebvre diz que a vida cotidiana sempre existiu, impregnada de valores, ritos, mitos. O cotidiano é a entrada dessa vida cotidiana na modernidade, "enquanto objeto de uma programação cujo desenrolar é comandado pelo mercado, pelo sistema das equivalências, pelo marketing e a publicidade". Já o conceito de cotidianidade ressalta o que é "homogêneo, repetitivo, fragmentário na vida cotidiana: os mesmos gestos, os mesmos trajetos...". (Corpet, [1972] 1989, p. 134).

complexos e mais ricos que as essências múltiplas que contêm e encobrem. O fato social se define pela unidade desses dois aspectos.

Pensamos, do mesmo modo, que o acontecimento pode emergir no jornalismo a partir da interpretação do cotidiano nesta perspectiva, divergente da do senso comum e até do erudito, apontada por Lalive d'Epinay, que opõe o "cotidiano-banal-insignificante" ao "histórico-original-significativo". Para isso, o conceito de cotidiano não deve ser tomado no sentido vulgar do termo, e sim como fio condutor do conhecimento da sociedade. Para isso, o autor considera a vida cotidiana como o *locus* por excelência da interface da natureza e da cultura, por um lado e, por outro, das múltiplas dialéticas entre o acontecimento e o rotineiro (LALIVE D'EPINAY, 2008, p.18). Essas dialéticas, que Lalive d'Epinay chama de processos-tipo, são as seguintes:

> **- a redução do acontecimento,** as práticas produtivas da cotidianidade, do conjunto de coisas, fatos e gestos desproblematizados. O processo constantemente repetido de apropriação do tempo e do espaço, em que as pessoas se adaptam ao seu uso e afirmam sua identidade sociocultural
>
> **- a busca do acontecimento** como objeto de manifestação de um desejo a ser atendido, sendo vivido como algo constitutivo da qualidade de vida. A busca pode ser individual ou coletiva
>
> **- a produção do acontecimento** concebido como resultado ao menos parcial de um trabalho, de um conjunto de práticas conscientemente finalizadas (a criação artística, a preparação de uma festa, de um atentado, o início de um movimento social)
>
> **- a fusão entre o acontecimento e o rotineiro,** as práticas festivas, as celebrações preparadas. Porque são intensas, mas devem iniciar e terminar, as festas são o complemento dialético da cotidianidade

As ferramentas conceituais do autor são utilizadas neste artigo para refletir sobre um gesto da cotidianidade, do âmbito do repetitivo: o andar, o caminhar. Como gesto individual, ele em princípio não figura na cobertura jornalística. Mas o caminhar é

vital para a vida social, e, ao se expressar no espaço público, esse gesto sai da cotidianidade, do repetitivo, e se insere no cotidiano, estando, portanto, sujeito a comandos que lhe são exteriores e que não controla. E esse sujeito que caminha no espaço público não é alvo de cobertura jornalística pelo seu gesto individual, mas do que ele pode ou não significar para desvendar o modo de ser das cidades a partir da interpretação do jornalista. Aqui de gesta a possibilidade apontada por Berger e Tavares, de o jornalismo ultrapassar o que é aparente no acontecimento, que habita sua potência e que está para além do superficial.

O acontecimento jornalístico do caminhar na rua

O caminhar no espaço público por excelência, a rua, pode ser uma prática redutora do acontecimento, a partir da perspectiva de Lalive d'Epinay, ou um acontecimento produzido, se pensarmos nas grandes manifestações públicas que, no Brasil, tem ocupado as ruas. Esse tipo de manifestação é alvo frequente da cobertura jornalística, como ocorreu nas Jornadas de Julho, com ficaram conhecidos os protestos no Brasil em 2013. Mas neste artigo interessa mapear como o jornalismo captura o andar/caminhar na rua em sua cotidianidade.

Lefebvre diz que a rua é o lugar (topia) do encontro, que possibilita os outros encontros nos lugares determinados onde as pessoas se encontram. Sem a rua não há vida urbana. É nela que a cidade se apropria dos lugares, e dentro da ordem estabelece a desordem, a possibilidade de escapar das prescrições e instituições, porque a rua também é o espaço do acontecimento revolucionário (LEFEBVRE, 1999, p 30). Nesta perspectiva, o autor amplia a crítica ao que significa a rua *hoje*:

> (...) a rua torna-se o lugar privilegiado de uma repressão, possibilitada pelo caráter "real" das relações que ali se constituem, ou seja, ao mesmo tempo débil e alienado-alienante. A *passagem* na rua, espaço de comunicação, é a uma só vez *obrigatória* e *reprimida*. Em caso de ameaça, a primeira imposição do poder é a interdição à permanência e à reunião na rua. Se a rua pôde ter esse sentido, o encontro, ela o perdeu, e não pôde senão perdê-lo, convertendo-se numa redução indispensável à passagem solitária, cindindo-se em lugar de passagem de pedestres (encurralados) e de automóveis (privilegiados). A rua converteu-se em rede organizada pelo/para o consumo. A velocidade da circulação de pedestres, ainda tolerada, e aí determinada e demarcada pela possibilidade de perceber as vitrinas, de comprar os objetos expostos. O

> tempo torna-se o "tempo-mercadoria" (tempo de compra e venda, tempo comprado e vendido). A rua regula o tempo além do tempo de trabalho; ela o submete ao mesmo sistema, o do rendimento e do lucro. Ela não é mais que a transição obrigatória entre o trabalho forçado, os lazeres programados e a habitação como lugar de consumo. (LEFEBVRE, 1991, p. 31, com grifos no original).

A crítica do autor nos afasta, deste artigo, da perspectiva de que o jornalista e o jornalismo, para ampliar o potencial interpretativo das notícias e reportagens, teriam que sair da redação e voltar à rua, na retomada da flânerie. Sim, mas isso não basta. É preciso refletir sobre o que esse movimento significa hoje na vida urbana das grandes cidades brasileira e no cotidiano da maioria da população. A obra de W. Benjamin situa o flâneur como o indivíduo da modernidade do capitalismo, que experimentava a cidade no contexto das transformações urbanas na Paris do século 19. Sua caminhada, a flânerie, é um gesto físico e intelectual:

> A rua se torna moradia para o flâneur que, entre as fachadas dos prédios, sente-se em casa tanto quanto o burguês entre suas quatro paredes. Para ele, os letreiros esmaltados e brilhantes das firmas são um adorno de parede tão bom ou melhor que a pintura a óleo no salão do burguês; muros são a escrivaninha onde apóia o bloco de apontamentos; bancas de jornais são suas bibliotecas, e os terraços dos cafés, as sacadas de onde, após o trabalho, observa entre o ambiente. Que a vida em toda a sua diversidade, em sua inesgotável riqueza de variações, só se desenvolva nos paralelepípedos cinzentos. (BENJAMIN, 1989:35)

O auge da experiência do flâneur se deu com a construção, em Paris, das galerias, as passagens entre prédios, cobertas por vidros, onde estabelecimentos comerciais de luxo expunham suas mercadorias. As galerias eram um espaço entre a casa e a rua onde o flâneur saboreava a cidade no meio das multidões. Posteriormente, a flânerie se deslocou para as lojas de departamento, que substituíram as galerias, até declinar, fato que se deu, para Benjamim, com as mudanças no planejamento urbano de Paris na segunda metade do século 19. A construção das grandes avenidas e a intensificação do tráfego de veículos passaram a desestimular o flanar contemplativo que marcou a vida da cidade no início do século.

No Brasil, quem soube levar para o jornalismo a experiência do flâneur foi o escritor e jornalista João do Rio, que, no Rio de Janeiro do início do século 20, se

consagrou com reportagens que capturavam a vida da rua na capital que também se modernizava. Para ele, flanar era "a distinção de perambular com inteligência".[4]

Mas, no Brasil do século 21, o jornalista precisa capturar outra realidade, porque a cidade do flâneur é a Paris Modernista do século 19, cheia de promessas. Mas, na cidade capitalista do século 21, que sentidos do flanar e da cidade o jornalista pode capturar? Foi a partir dos verbos *caminhar* na cidade e *andar* a pé que uma pesquisa em buscadores na rede mundial de computadores revelou as relações que aparecem na cobertura jornalística, com recorte temporal a partir de 2010, em veículos de comunicação de diferentes cidades do país. Foram selecionadas, em função do grande número de ocorrências, 16 notícias e reportagens. Uma primeira constatação é que *caminhar* na cidade e *andar* a pé implicam a relação com a rua/calçada, e essa relação se desdobra em quatro possibilidades:

1-Risco (de cair, de tropeçar, pelas más condições das ruas e calçadas)
2-Dificuldade (impedimentos e barreiras físicas nas ruas e calçadas)
3-Medo (ameaça à integridade física e falta de segurança)
4-Descoberta (a cidade pouco conhecida ou desconhecida)

Prevalece a associação com risco/dificuldade/medo, evocados já nos títulos do conjunto de 13 notícias analisadas:

1-Andar a pé por grandes cidades está em desuso (Gazeta do Povo, Curitiba, PR, 18/03/2013)
2-Pedestres encontram dificuldade para transitar por ruas do Kobrasol e Campinas, em São José (Notícias do Dia, Florianópolis, SC, 30/10/2013)
3-Má condição de calçadas é um problema comum em Florianópolis (Notícias do Dia, Florianópolis, SC, 16/05/2014)
4-Calçadas: Espaço em extinção nos bairros de Gaspar (Cruzeiro do Vale, Gaspar, SC, 24/08/2014)
5-Andar por Novo Hamburgo é um risco para o pedestre (ND, Novo Hamburgo, RS, 12/09/2014)

[4] RIO, João do. **A alma encantadora das ruas.** 1908. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000183.pdf> . Acesso em: 20/07/2017. p. 3

6-Cariocas encontram muitos obstáculos na caminhada pela cidade (O Dia, Rio de Janeiro, RJ, 27/09/2014)
7-Paulistanos são os mais insatisfeitos com suas calçadas, revela pesquisa (O Globo, Rio de Janeiro, RJ, 23/04/2015)
8-Imobilidade urbana: Pedestres de Brasília sofrem com calçadas quebradas (Correio Braziliense, Brasília, DF, 10/08/2015)
9-Jornalista faz experimento e sofre assédio por 2 horas andando em Teresina (O Olho, Teresina, PI, 24/08/2015)
10-Em blitz, reportagem flagra 65 pontos problemáticos em calçadas no centro de Caxias (O Pioneiro, Caxias do Sul, RS, 10/09/2015)
11-Pedestres são desrespeitados no trânsito de São Luís (O Estado, São Luís, MA, 05/02/2016)
12-Em Cidade de Tiradentes, precariedade das calçadas faz morador andar pela rua (O Estado de S. Paulo, São Paulo, SP, 05/09/2016)
13-Safari Urbano percorre e avalia calçadas da região central de Brasília (Correio Braziliense, Brasília, DF, 13/05/2017)

A associação com **risco/dificuldade** pode ser exemplificada na notícia 7, *Paulistanos são os mais insatisfeitos com suas calçadas, revela pesquisa*, que aponta problemas citados em parte expressiva do conjunto de notícias analisado:

> SÃO PAULO - Calçadas estreitas, esburacadas, irregulares, com degraus e obstruídas (por entulho, lixo, mato, comerciantes, carros), ou então inexistentes. São essas as principais dificuldades encontradas por pedestres na cidade de São Paulo, segundo um mapeamento realizado no fim de março pelo coletivo Corrida Amiga, voluntários e movimentos parceiros que reúnem pedestres, corredores de rua e cadeirantes, com a ajuda de um aplicativo de telefone celular, o Cidadera. O mapeamento também foi feito pelo coletivo, na mesma ocasião, em outras 40 cidades brasileiras, de 16 diferentes estados. Dos 291 obstáculos relatados encontrados em calçadas de todo o país, 142 estavam em São Paulo.

Já a associação com o **medo** é explicitada na notícia 9, *Jornalista faz experimento e sofre assédio por 2 horas andando em Teresina*. A iniciativa foi inspirada em experimento semelhante feito em Nova York por uma atriz, a qual registrou mais de 100 comentários de assédio masculinos em um vídeo filmado durante uma caminhada de

dez horas pelas ruas de Manhattan. Em Teresina, depois de caminhar por duas horas no Centro e na zona Sul, a repórter encontrou reações semelhantes:

> Agressões disfarçadas de elogios não são bem-vindas. Demonstrar interesse por alguém em qualquer situação, sem ponderar sobre o ambiente ou a reciprocidade, não é lisonjeiro, é repulsivo. O simples ato de andar na rua carrega medos e limitações para as mulheres. A dinâmica do machismo - dominação do homem sob a mulher - se estabelece em ações comuns do cotidiano.

A associação com a **descoberta** é explicitado em dois textos, ambos da *Folha de S. Paulo*:

> 14-"Guia" indica trajetos temáticos para caminhar e desvendar a cidade (Folha de S. Paulo, SP, 11/12/2015)
>
> 15-São Paulo: A descoberta da cidade (Folha de S. Paulo, SP, 06/12/2015)

A reportagem 15 apresenta um diferencial em relação às anteriores por interpretar o gesto de caminhar de uma forma mais ampla, no contexto da cidade como um todo. O texto é o resultado da experiência de dez pessoas que caminharam 65 quilômetros, do Grajaú (zona sul) à serra da Cantareira (zona norte), na chamada Travessia Ponto-à-Ponta, durante três dias, acompanhadas por jornalistas do *Caderno sãopaulo* da *Folha*:

> A sãopaulo acompanhou a expedição e presenciou episódios [...] que aconteceram pelo caminho. Andar pela metrópole é como ver a vida em câmara lenta, já que não se segue o ritmo dos carros. É estar mais devagar do que a cidade.

Um primeiro elemento a ser considerado é que 10 das notícias e reportagens analisadas tomam o andar/caminhar como o acontecimento em si, prejudicado, na vida cotidiana/urbana, pelas más condições da calçada, sem um "gancho" específico para justificar a cobertura jornalística. Outra quatro são construídas por circunstâncias específicas, ligadas a estudos e propostas apresentadas por instituições públicas e entidades em geral para melhorar a condição das calçadas. Apenas uma foi publicada em função de acontecimento programado simultâneo ao da cobertura. Todas, portanto, se constroem a partir de um acontecimento da cotidianidade, o andar, problematizado

quando se dá no cotidiano do espaço público. A partir da caracterização de Lalive d'Epinay, a maioria das notícias toma o andar, que pode ser pensado como prática produtiva desproblematizada da cotidianidade, em sua face problematizada quando ocorre no espaço público, pelo fato de ali ela ser dificultada. Já a reportagem *São Paulo: A descoberta da cidade* tematiza, pelo jornalismo, um acontecimento buscado, o desejo de conhecer a cidade, expresso como qualidade de vida.

Cabe destacar, deste conjunto de textos, o quanto, nas cidades brasileiras, o espaço da vida urbana de fato não é a rua, dominada pela velocidade imposta pela circulação de veículos, e sim a calçada, por onde circular pode gerar risco, dificuldade e medo, restringindo ainda mais a possibilidade de vida urbana. Mas, de igual modo, a cobertura jornalística das manifestações no Brasil tem mostrado o quanto pode ser criminalizada a ocupação das ruas, que justifica o acionamento do direito de ir e vir (dos motoristas nos veículos), direito esse igualmente impedido aos pedestres nos seus deslocamentos na cidade, mas insuficientemente problematizado nas notícias e reportagens. A cobertura sinaliza as dificuldades que as pessoas enfrentam nas calçadas, mas não as insere em uma reflexão mais profunda sobre a impossibilidade mesma de usufruir da vida urbana.

Ao discutir o direito à cidade, conceito que criou e o popularizou, Lefebvre aborda as condições que os "moradores do Olimpo", a aristocracia burguesa, têm de transcender a cotidianidade por controlar a natureza, fascinando assim os que estão mergulhados no cotidiano e dele não conseguem fugir:

> Basta abrir os olhos para compreender a vida quotidiana daquele que corre de sua moradia para a estação próxima ou distante, para o metrô superlotado, para o escritório ou para a fábrica, para retornar à tarde o mesmo caminho e voltar para casa a fim de recuperar as forças para recomeçar tudo no dia seguinte. O quadro dessa miséria generalizada não poderia deixar de se fazer acompanhar pelo quadro das "satisfações" que a dissimulam e que se tornam os meios de eludi-la e de evadir-se dela. (LEFEBVRE, 1991, p. 117).

A partir desta reflexão, que põe em relevo o que representa a vida cotidiana nas grandes cidades, avançamos para a análise da abordagem da cobertura jornalística a partir da concepção de acontecimento e como ela pode suscitar um debate público sobre a forma de apropriação do espaço urbano. Esta possibilidade se expressou na reportagem publicada no *Detroit Free Press*, que teve repercussão na mídia brasileira,

sobre James Robertson, um morador de Detroit, no Norte dos Estados Unidos, que todo o dia, ao longo de 10 anos, andava 33 quilômetros (ida e volta) para poder trabalhar como operário de uma fábrica de peças, além de fazer duas viagens diárias de ônibus.

O repórter, Bill Laitner, acompanha a caminhada de Robertson, que iniciou quando o automóvel dele quebrou e não havia dinheiro para o conserto, e entrevista seus colegas de trabalho e o chefe. Mas não só. Laitner, ao narrar esse acontecimento, fomenta o debate em Detroit sobre a luta dos trabalhadores de baixa renda para modificar o sistema de transportes da cidade, um dos mais criticados do país, além de ter também um dos seguros de veículos mais caros.

A notícia captura o leitor em um duplo movimento: a longa caminhada do operário e a de um segundo repórter, responsável por uma reportagem em vídeo, Ryan Garza. Nela, ambos atravessam a cidade, de dia e à noite, o repórter oculto atrás da câmera, ao longo de extensas avenidas. É simbólico que o fato ocorra em Detroit, cidade que foi ícone da indústria automobilística mundial e que nos últimos anos enfrentou a ruína econômica[5].

O título da reportagem, *Heart and sole: Detroiter walks 21 miles in work commute*, já associa a longa caminhada com a ideia de ato solitário, como o do flâneur do século 19. No século 21, o século da velocidade, porém, não tendo condições financeiras de consertar o próprio automóvel, Robertson não é como os motoristas dos carros particulares que cruzam as avenidas, igualmente solitários, indiferentes à paisagem. Para ele, a paisagem passa em câmera lenta, percorrida pelo corpo solitário ao caminhar longos quilômetros. É o homem lento na lentitude marginal dos sem carro na Meca dos Automóveis, com o desgaste físico e das solas dos sapatos, mostrados no vídeo.

Se o flâneur do século 19 perdia-se na multidão para vagar, captar o inesperado da essência urbana, Robertson - pensando na essência do gesto do flâneur – é o anti-flâneur do século 21, com seus passos curtos e arrastados não mais nas galerias, mas nas amplas avenidas. Ele tem um lugar para chegar, o trabalho. Ele não é como o "homem da multidão" do conto de Edgard Allan Poe, que caminha horas a fio ao acaso, e nem o narrador que o segue, o observador curioso que se levanta de um café para persegui-lo. Detroit é, para Robertson, o oposto de tudo o que representa a galeria parisiense. A conformação inadequada da cidade de Detroit exige dele 33 quilômetros de caminhada,

[5] Ver em http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,a-destruicao-do-sonho-americano-de-detroit,174417e

ao longo da qual as caras mercadorias das vitrines dão lugar à cidade mesma, que, pela falta de um automóvel, ele precisa desbravar. Neste movimento, ele lembra o citadino da metrópole do início do século 20 descrito por G. Simmel, que assume um *caráter blasé* em face de uma cidade em que o significado e o valor da distinção das coisas são sentidos como nulos (2005, p. 581) em função de um estímulo mental que, por ser frequente, é intolerável.

O flâneur fluía na cidade, nas galerias, nas lojas de departamento. Mas este operário caminha por obrigação, por estar impossibilitado de percorrer a cidade com calma. É o anônimo, o condenado, na cidade capitalista de hoje, – e não na moderna Paris do século 19 - a percorrer compulsoriamente longas distâncias. É a anti-flânerie, implosão simbólica e concreta que implica a necessidade de o movimento do jornalismo e dos jornalistas ser tocado por este acontecimento cotidiano na realidade, desvelando-o para que saia da rotineira invisibilidade. Em certo trecho a reportagem expressa essa singularidade, a do movimento tão rotineiro do caminhante-operário tornar-se, por sua regularidade monótona, motivo de curiosidade:

> **Estranhos que cruzam caminhos**
> Robertson tem caminhado a pé tantas vezes que os motoristas se perguntam: Quem é esse cara? (tradução nossa)

A partir da realidade de Robertson, o olhar do repórter vai à rua para observar **e** interpretar, criticamente, a realidade de um operário de Detroit, acompanhar seu trajeto. Mas o jornalista faz mais. Ele desnuda as falências de uma cidade, como informa uma das retrancas da reportagem:

> Após a Free Press contar sua história, Robertson saltou da obscuridade para ser o porta-estandarte de problemas de transporte de massa de Detroit, a necessidade de reforma do seguro de automóveis, a diferença de renda e do "salário mínimo”. (tradução nossa)

O acontecimento cotidiano - um homem que há dez anos caminha 30 quilômetros para trabalhar - constitui o acontecimento jornalístico por ser representativo de uma realidade social mais ampla, que afeta profundamente os moradores empobrecidos de Detroit. Da forma como captura o acontecimento citado, a reportagem interpreta de forma contundente o que significa, nas grandes cidades capitalistas, o aprisionamento da cotidianidade – o gesto da andar – na vida cotidiana, arrebatada e

comandada pelo mercado. Essa passagem do ser que perambula como experiência estética, sem direção, para aquele outro que faz da caminhada a monótona experiência exigida pelas modernas relações de trabalho.

Neste movimento do jornalismo de narrar um acontecimento aparentemente trivial em sua complexidade, retomamos Lefebre. Ele afirma que mesmo para compreender um fato simples – uma mulher que compra açúcar –, não é suficiente descrevê-lo. A investigação descobre um entrelaçamento de razões e de causas, de essências e esferas de vida que pode captar a sociedade capitalista em seu conjunto, a nação e sua história: "O captado, que se faz cada vez mais profundo, está sem dúvida envolto nesse pequeno fato inicial" (LEFEBVRE, 1967, p. 240). Para isso, a cobertura jornalística do e no cotidiano precisa considerar que nele o aparentemente banal, o insignificante, pode captar o que há de mais significativo no processo histórico, aquilo que, segundo Berger e Tavares (2014), habita sua potência e está para além de sua superficialidade.

Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas III** – Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BERGER, Christa; TAVARES, Frederico de M. B. Leituras do cotidiano e as interseções entre o jornalismo e as ciências sociais. **Contemporânea.** Revista de Comunicação e Cultura, PosCom, UFBA, v. 12, n. 1, jan-abr 2014. p. 8-26, Disponível em: https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/9788/7541 Acesso em: 01/07/2017.

CORPET, Olivier, PAQUOT, Thierry. Henri Lefebvre. In: Olivier Corpet, Thierry Paquot. **Entrevistas ao Le Monde:** idéias contemporâneas. São Paulo: Ática, 1989 [1. ed. 1972]. p. 131-137.

LALIVE D'EPINAY, Christian. La vida cotidiana: construcción de un concepto sociológico y antropológico. **Sociedad Hoy** [en linea] 2008, (Sin mes). Disponible en: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=90215158002>. Acesso em: 11 jul. 2017

LEFEBVRE, Henri. Crítica de la vida cotidiana. **Obras de Henri Lefebvre** (Posteriores a 1958). Buenos Aires: A. Peña Lillo, 1967.

_____. **O direito à cidade.** São Paulo: Editora Moraes, 1991.

_____. **A revolução urbana.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

PAIS, José Machado. Paradigmas sociológicos na análise da vida quotidiana. **Análise social.** Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. vol. 22, 1986, p. 7-57. Disponível em:

<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223483009Y6mRF5kx1Ge77VO8.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2017

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas.** 1908. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000183.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2017. p.3

SIMMEL, Georg. As Grandes Cidades e a Vida do Espírito (1903). In: **Mana**, Out 2005, vol.11, nº.2, p.577-591.

TAVARES, F. de M. B. Entre a realidade jornalística e a realidade social: o jornalismo como forma de acesso ao cotidiano. **E-Compós**, Brasília, v. 15, p. 1-16, 2012. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/740/579>. Acesso em: 02 jul. 2017.

TREVISAN, Cláudia. A destruição do sonho americano de Detroit. **O Estado de S. Paulo.** 4 jan. 2014. Disponível em: <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,a-destruicao-do-sonho-americano-de-detroit,174417e>. Acesso em: 01/07/2017.

Sites jornalísticos consultados para a análise:

ALVES, Felipe. Pedestres encontram dificuldade para transitar por ruas do Kobrasol e Campinas, em São José. **Notícias do Dia.** Florianópolis, SC. 30/10/2013. Disponível em: <https://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/pedestres-encontram-dificuldade-para-transitar-por-ruas-do-kobrasol-e-campinas-em-sao-jose>. Acesso em: 03 jul. 2017.

_____. Má condição de calçadas é um problema comum em Florianópolis. **Notícias do Dia.** Florianópolis, SC. 16/05/2014. Disponível em: < https://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/ma-condicao-de-calcadas-e-um-problema-comum-em-florianopolis>. Acesso em: 01 jul. 2017.

BARRETO, Sávia. Jornalista faz experimento e sofre assédio por 2 horas andando em Teresina. **O Olho.** Teresina, PI. 24/08/2015. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/08/jornalista-brasileira-registra-o-horror-de-uma-caminhada-de-duas-horas.html >. Acesso em: 01 jul. 2017.

BERNARDES, Ana C. Calçadas: Espaço em extinção nos bairros de Gaspar. 24/08/2014. **Cruzeiro do Vale.** Gaspar, SC. 24/08/2014. Disponível em: <http://www.cruzeirodovale.com.br/geral/calcadas-espaco-em-extincao-nos-bairros-de-gaspar/>. Acesso em: 03 jul. 2017.

CAESAR, Gabriela; AMARAL, Luciana. Em Cidade de Tiradentes, precariedade das calçadas faz morador andar pela rua. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, SP. 05/09/2016. Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,em-cidade-de-tiradentes-precariedade-das-calcadas-faz-morador-andar-pela-rua,10000073712>. Acesso em: 02 jul. 2017.

CORREIO BRAZILIENSE. Imobilidade urbana: Pedestres de Brasília sofrem com calçadas quebradas. Brasília (DF). 10/08/2015. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2015/08/10/interna_cidadesdf,493944/imobilidade-urbana-pedestres-de-brasilia-sofrem-com-calcadas-quebradas.shtml>. Acesso em: 02 jul. 2017

FAGUNDEZ, Ingrid. São Paulo, a descoberta da cidade. **Folha de S. Paulo.** São Paulo (SP). 06/12/2015. Disponível em: <http://arte.folha.uol.com.br/saopaulo/2015/12/06/sp-a-pe/> Acesso em: 03 jul. 2017

FIEDLER, André. Em blitz, reportagem flagra 65 pontos problemáticos em calçadas no centro de Caxias. **O Pioneiro.** Caxias do Sul (RS). 10/09/2015. Disponível em: <http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/cidades/noticia/2015/09/em-blitz-reportagem-flagra-65-pontos-problematicos-em-calcadas-no-centro-de-caxias-4844776.html>. Acesso em: 03 jul. 2017.

GAYOSO. Lucas. Cariocas encontram muitos obstáculos na caminhada pela cidade. **O Dia.** Rio de Janeiro (RJ). 27/09/2014. <http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2014-09-27/cariocas-encontram-muitos-obstaculos-na-caminhada-pela-cidade.html> . Acesso em: 03 jul. 2017

LAITNER, Bill. Heart and sole: Detroiter walks 21 miles in work commute**. Detroit Free Press.** Detroit, Michigan (EUA). 10/02/2015. Disponível em: <http://www.freep.com/story/news/local/michigan/oakland/2015/01/31/detroit-commuting-troy-rochester-hills-smart-ddot-ubs-banker-woodward-buses-transit/22660785/>. Acesso em: 02 jul. 2017

GUANDELINE, Leonardo. Paulistanos são os mais insatisfeitos com suas calçadas, revela pesquisa. **O Globo.** Rio de Janeiro (RJ). 23/04/2015. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/paulistanos-sao-os-mais-insatisfeitos-com-suas-calcadas-revela-pesquisa-15955112>. Acesso em: 04 jul. 2017

MARQUES, Ricardo. Andar por Novo Hamburgo é um risco para o pedestre. **NH.** Novo Hamburgo (RS). 12/09/2014. Disponível em: <http://www.jornalnh.com.br/_conteudo/2014/09/noticias/regiao/82817-andar-por-novo-hamburgo-e-um-risco-para-o-pedestre.html>. Acesso em: 04 jul. 2017.

O ESTADO. Pedestres são desrespeitados no trânsito de São Luís. São Luís (MA). **O Estado.** São Luís (MA). 05/02/2016. Disponível em: <http://imirante.com/oestadoma/noticias/2016/02/05/pedestres-sao-desrespeitados-no-transito-de-sao-luis.shtml>. Acesso em: 02 jul. 2017.

SOARES, Thiago. Safari Urbano percorre e avalia calçadas da região central de Brasília. **Correio Braziliense.** Brasília (DF). 13/05/2017. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2017/05/13/interna_cidadesdf,594814/safari-urbano-percorre-e-avalia-calcadas-da-regiao-central-de-brasilia.shtml>. Acesso em: 02 jul. 2017.

TRISOTTO, Fernanda. Andar a pé por grandes cidades está em desuso. **Gazeta do Povo.** Curitiba (PR). 18/03/2013. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/andar-a-pe-por-grandes-cidades-esta-em-desuso-b1is7oq6r5u8v3qneyyxhaixa>. Acesso em: 04 jul. 2017.

VALDANHA, Gabriela. SERAGUSA, Fabiana. MARINHO, Mariana. "Guia" indica trajetos temáticos para caminhar e desvendar a cidade. **Folha de S. Paulo**. São Paulo (SP). 11/12/2015. Disponível em: <http://guia.folha.uol.com.br/passeios/2015/12/1717648-guia-indica-trajetos-tematicos-para-caminhar-e-desvendar-a-cidade.shtml>. Acesso em: 04 jul. 2017.